



## UM POUCO DA HISTÓRIA DO 25 DE SETEMBRO EM MOCÍMBOA DA PRAIA

Por: Maria da Luz Teixeira Duarte

Quando em 1 de Agosto de 1964 os primeiros combatentes da FRELIMO vindos da Tanzânia atravessaram a fronteira, levavam consigo

uma importante missão: o desencadeamento da Luta Armada de Libertação Nacional.

Foram diversos os alvos escolhi-

dos na Província de Cabo Delgado. Raimundo Pachinuapa, combatente veterano e actual Inspector de Estado conta-nos: «(...)Alguns dias

antes do 25 de Setembro recebemos ordens para começar a Luta nesse dia. O grupo que tinha entrado em Moçambique não era grande, pelo que tínhamos feito uma distribuição de elementos segundo as suas tarefas. Uns preparavam-se para o ataque aos postos, outros para a sabotagem em todas as estradas.(...)»

Algumas destas acções foram planeadas para a zona de Mocimboa da Praia. Nelas participaram elementos da população que já tinham iniciado os contactos com a FRELIMO através de camaradas que lhes traziam cartões de membros «kadi» para venderem. Ouçamos o que nos conta António Chela, residente em Mocimboa da Praia:

«(...) Eu colaborei com a FRELIMO desde 1964. Os meus contactos eram através do Focas Zacarias e de Issufo Rachide. Estes é que faziam sempre contactos comigo — e ainda Gaspar Vadyokoweka. Issufo Rachide é que vinha levar aquele dinheiro dos cartões de membros que eu estava a vender e trazia sempre mais cartões.(...)»

A seguir António Chela explica-nos como ele e os seus companhei-

ros participaram no 25 de Setembro:

«(...) Dia 20 de Setembro de 1964 recebi uma comunicação de Imbuo para no dia 24 mandar queimar as pontes e cortar as linhas telefónicas das estradas de Palma e Pemba. No dia 23 mandei convocar os meus companheiros de serviço e dei-lhes essa comunicação que concordaram. Ficaram no dia 24 de comparecerem para cumprir a tarefa. No dia indicado, logo de manhã cedo, mandei comprar duas latas de petróleo. Cerca das 20 horas compareceram todos e separei-os em dois grupos, sendo um grupo para a estrada de Palma e o outro grupo para a estrada de Pemba, levando consigo petróleo e dois alicates para cortarem a linha.

Seguiram ambos e cumpriram a missão. Às 4 horas da madrugada no dia 25 alguns camiões que seguiam para Mueda chegaram à ponte do rio Quinhevo em chamas. Desde aquela altura não houve mais sossego por todo o canto. (...)»

Realmente, a partir de então a estrutura repressiva do Estado Colonial daquele antigo Posto, nomeadamente a estrutura administrati-

va, a PIDE e a PSP, intensificaram a sua acção criminosa contra a população através de prisões, torturas e massacres. Apesar disto, alguns moçambicanos traidores, infiltrados no seio da população ou disfarçados no interior das prisões, davam informações aos patrões coloniais. Assim nos diz António Chela ao falar da sua prisão:

«(...) Descobriram-nos por intermédio de um irmão nosso que ficava lá no interior de nome Tamo. Tamo é que sabia os nossos segredos, onde ficavam os primeiros soldados que chegaram. E ele foi até à administração contar ao cabo Muanambi. Este foi informar ao administrador Chambino. O Chambino mandou a força; quando chegaram, os nossos soldados fugiram, deixaram os papéis e por meio destes papéis começaram a apanhar-nos. Esta foi a informação suficiente para nós todos sermos presos. No dia 29 vieram levar-me para o calabouço.(...)»

Juntamente com António Chela, vários outros elementos foram presos, suspeitos de estarem implicados nas acções de sabotagem à pon-



te do rio Quinhevo e ao corte da linha telefónica e acusados de possuírem «kadi».

Ntambalica Daúdo, que trabalhava na altura no Aeroporto de Mocímboa da Praia, descreve-nos pelas suas próprias palavras as torturas que sofreu, após a sua prisão nos primeiros dias do mês de Outubro:

«(...) então o Rui chamou-me, tirou uma faca muito comprida, indicou-me e perguntou se conheço. Eu disse-lhe «conheço, é faca». Tirou chicote de pneu de carro, aplicou-me e perguntou se conheço. Eu disse-lhe que conheço. Trouxe um outro chicote com ferros na ponta, aplicou-me e dois ferrinhos entraram-me na retaguarda. Depois levou pistola, indicou-me na vista e perguntou-me se conheço. Eu disse-lhe «conheço, é pistola» — «Se disparar, morre não morre?» — Eu disse «morro». Não lhe bastou, trouxe uma arma, eu disse «sei, é arma». Ainda trouxe palmatória cheia de pregos — objectivo é responder aquilo que vai-me perguntar. Então ele pergunta-me:

— Queimaste ponte de Hanga ou não?

— Não queimei.

— Linha telefónica, cortaste ou não?

— Não cortei.

— Você queria ser chefe do Aeroporto e Assumane Buanahado ser secretário, é ou não é?

— Não concordo, mas cartão comprámos.

— Com quem compraste cartão?

— Issufo Rachide. (...)»

«(...) Dali muito nervoso Rui levou cabo de machado, bateu-me na cabeça, nas pernas e por sorte partiu-se. Quando se partiu trouxe o chicote enquanto já ligou o maçarico.

Disse ele: — Conta tudo o que estou a perguntar.

Eu respondi que não sei. Então pegou-me nas pernas, fez-me cair. Quando caí começou-me a dar pontapés. Como eu tinha calçado sapatos, as solas cuspiram-se. O Rui levou-me, pregou-me nas pernas e começou-me a chamar: «anda cá».

Como eu não aguentava andar, parei. Rui julgou que sou terrível porque não respondia às suas perguntas de modo necessário. Foi levar chicote de pneu, eu já caí e caguei nas calças. Mandou o Naffihi trazer bacia, trouxe, mandou-me meter as fezes na bacia e não meti.

— Agora, perguntou-me, sabe o que é jurar?

Eu disse-lhe que sei.

— Então vamos fazer um remédio. Esse remédio é para você jurar se não falou que quando vier o avião ias apagar as luzes.

Aceitei o juramento. Levou a água, meteu na bacia onde havia fezes, mandou-me mexer e obrigou-me a tomar — bebi. Logo que bebi, vieram contra mim o Rui e o Martins, bateram-me até perder os sentidos. Essas cicatrizes de chicote e de maçarico já não sentia, estava completamente morto. Para além disso, ainda o Rui queimou-me com beatas de cigarro. (...)»

Assim como estes dois, muitos outros moçambicanos foram presos, nesta primeira semana após o 25 de Setembro. Eles fizeram parte do primeiro grupo de Mocímboa da Praia que partiu numa alta noite do mês de Outubro de 1964, num navio com destino à tristemente célebre Fortaleza do Ibo. Alguns deles, como António Chela, Manuel Andurabe Ali e Abdala Ali Issa (Madevo), após um ano de estada no Ibo, foram transferidos para as prisões da Machava e Mabalane, onde permaneceram vários anos. □

NOTA: Os depoimentos aqui transcritos são do Arquivo Nacional do Património Cultural.

